

A CURA ATRAVÉS DO ENCONTRO: ASPECTOS DE MARTIN BUBER PARA A PSICOTERAPIA¹

Esther Herzog²

Tradução de Enio Paulo Giachini

Conferência proferida na abertura do Instituto de psicoterapia, espiritualidade e formação de adultos (Institut für Psychotherapie, Spiritualität und Erwachsenenbildung)

Caros convidados, caros amigos,

Com a saudação, me alegro que estejam festejando conosco a abertura de nosso instituto. Com sua presença aqui, vocês testemunham a seu modo seu compromisso e interesse em nosso trabalho e conosco como pessoas. Vê-se, portanto, uma razão fundamental para terem aceito nosso convite. Claro que nós também nos motivamos com isso. Há uma razão por que fundamos um instituto de psicoterapia, espiritualidade e formação de adultos (Psychotherapie, Spiritualität und Erwachsenenbildung – IPSE – i. é, lat. Si-mesmo). Assim a abertura festiva de nosso instituto é uma oportunidade para que fundamentemos nossa solicitação e motivação. Só pelo fato de estarmos todos aqui reunidos gerou uma situação de responsabilidade em que sustentamos fala e resposta, pois isso implica a possibilidade de um encontro real.

Gostaria de explicitar a razão por que uma situação em que as pessoas vêm ter conosco é comprometedora através da concepção de encontro

¹ HERZOG, Esther. **Heilen durch Begegnung**: Aspekte Martin Bubers für die Psychotherapie. Discurso na inauguração do Institut für Psychotherapie, Spiritualität und Erwachsenenbildung, em Langenfeld. Proferido em 26 de junho de 2009. Disponível em: <<https://www.ipse-contact.de/veroeffentlichungen.html>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

² Graduanda de Filosofia na Universidade de Hagen, Alemanha. Terapeuta no Institut für Psychotherapie, Spiritualität und Erwachsenenbildung de Friedshordorf, Alemanha. Professora de meditação e contemplação na Frankfurter Schule der Kontemplation. *E-mail*: esther.herzog@arcor.de

a partir de Martin Buber, o grande filósofo do diálogo do século XX. Ele viveu e trabalhou de 1878 até 1965, primeiramente na Alemanha, depois de sua imigração para Jerusalém mantendo diálogo e encontros com filósofos e psicoterapeutas mundo a fora. Gostaria de marcar a Martin Buber como pai espiritual na compreensão de nossas relações e curas. A percepção profunda de Buber sobre o que acontece entre os homens e da responsabilidade ética³ que surge daí para o encontro inter-humano – e com isso também especialmente para o encontro terapêutico – deve ser um compromisso e um manual para o trabalho em nosso instituto. Se quisermos ter efetividade terapêutica, então – para falar com Buber – devemos nos deixar tocar por nossa responsabilidade fundamental, quando nos confrontamos e respondemos *realmente*, isto é, efetivamente como eu e tu. Encontro curativo, especialmente o terapêutico, significa observar e perceber o que me vem ao encontro nessa situação concreta, como ela me toca, e responder responsavelmente.

Em nosso linguajar cotidiano, via de regra, costumamos compreender *encontro* como algo fugaz e acidental. Talvez mal percebemos a fugacidade de um instante e por isso lhe damos pouca importância. Também Buber percebe e valoriza a fugacidade e casualidade do encontro. Encontro ocorre e desaparece, mas cabe à nós definir que importância lhe conferimos. Através de antenas refinadas, Buber captou a plenitude do momento, a infinidade que habita neste. Ele compreende *encontro* como a *categoria originária (Urkategorie)*⁴ que fundamenta de forma genuína o ser humano. Se perguntássemos a Buber a partir de Kant: “o que é o ser humano?”. Ele responderia: “O ser humano é o humano junto com seres humanos”. O que constitui nosso ser humano não pode ser descrito de forma individual. Não somos um aparelho fechado em nós que pudesse ser descrito de fora. Não se nos abre o que perfaz o ser humano se considerarmos o mesmo como objeto. Nossa sociedade individualista moderna quer nos fazer acreditar nisso. O que é e permite tornar-se realmente o ser humano só pode ser compreendido de forma dialógica, a saber, num encontro real. Nos encontramos real e diretamente quando experimentamos no o mistério do próprio ser o mistério do ser do outro em sua profundidade⁵. Encontro real só pode surgir quando, na consciência de eu e tu, estamos total e instantaneamente

³ Martin BUBER. *Das dialogische Prinzip. Zwiesprache*. Gütersloher Verlagshaus. 10. ed. 2006, p. 161s.

⁴ Grete SCHÄDER, in: Martin Buber. *Hebräischer Humanismus*. Göttingen: Vandenhoeck & Rupprecht, 1966, p. 354.

⁵ Grete Schäder, op. cit., p. 354.

presentes de corpo e alma, participando no instante com total atenção de nossos sentidos. O princípio dialógico de Martin Buber reside nessa participação física concreta no ser-aí de eu e tu, numa *participação ontológica*⁶.

Para Martin Buber, o *princípio dialógico* nos leva para além do terrenal. A origem de nossa existência radica-se na relação entre tu e eu. “No princípio era a relação”, afirma Buber⁷. Somos chamados à vida por um Tu eterno, cheio de cuidado para conosco, a palavra criadora de Deus, que nos convoca – Buber chama-a de palavra originária vital – e carregamos em nós⁸ desde o começo uma tendência à relacionamento com o qual podemos responder em cada momento de maneira nova ao chamado para a responsabilização de nosso ser homens – isto é, como ser humano entre seres humanos. Porque nos defrontamos com o outro como reflexo da criação, em nossa imagem e semelhança de Deus, em cada relação eu-tu inter-humana está presente Deus – o eterno tu – com sua força criadora. Por isso o momento do encontro é sagrado. Assim, no sentido de Buber, encontro se torna existência sacramental⁹, ação curativa de Deus¹⁰.

Buber condensa sua compreensão da realidade antropológica do ser humano numa expressão: *O homem torna-se eu num tu*¹¹. Nosso ser humano surge e se realiza no acontecer inter-humano, onde eu e tu vivenciam mutuamente o ser homem físico em mútua partilha. Se realiza quando nos relacionamos verdadeiramente no duplo movimento de provocação e resposta. Isso porque o indivíduo é confirmado e sente-se fortalecido em sua simples existência quando se volta diretamente para alguém. Poderá então assegurar-se de sua importância e do sentido de sua existência. No encontro eu e tu – quando um confronto participa concreta e fisicamente no ser próprio, se deixando abordar e tocar – tornamo-nos pessoa, um ser humano único com rosto e nome¹².

Tornar-se pessoa é um processo próprio da história de vida. No decorrer de nossa história aos poucos, a partir dos eventos de relacionamento vai se formando nossa consciência-eu e nossas marcas de personalidade. O processo de tornar-se si-

⁶ Grete Schäder, op. cit., p. 140s.

⁷ Martin Buber, op. cit., *Ich und Du*, p. 22

⁸ Martin Buber op. cit., p. 22s.

⁹ Grete Schäder op. cit., p. 145-147.

¹⁰ Martin Buber, op. cit., p. 161s

¹¹ Martin Buber. *Das dialogische Prinzip. Ich und Du*. op. cit., p. 32

¹² Grete Schäder, op. cit., p. 141.

mesmo começa com o nascimento, no qual a criança se libera de sua mãe para uma vida pessoal. A criança busca o toque para se perceber como pessoa individual, no confronto de um tu. Desde o começo, o desenvolvimento da alma infante está indissoluvelmente ligado pelo anelo do tu, mas também se ele consegue realizar ou se frustra nesse desejo.

A criança busca o toque para sentir-se como pessoa individual no confronto com um tu. Desde o começo, o desenvolvimento da alma infantil está inalienavelmente atrelada ao desejo por um tu, mas também em que medida esse desejo experimenta sucessos e fracassos¹³. A mãe e o pai atentos devem deixar-se interpelar logo que a criança se comunica sonora ou tacitamente. Pela atenção dos pais a criança sente-se aceita e confirmada. Sente-se segura e confiante em sua presença. Crianças precisam de certeza de estar em conexão imperturbável com seus pais, mesmo quando estes estão fisicamente ausentes. Então, em noites ameaçadoras, sentem-se protegidos e amparados¹⁴. Confiante nesse tu, a criança poderá posteriormente lançar-se ao mundo.

Quando falta a ressonância necessária o desenvolvimento da personalidade pode fracassar. Se, ao invés de haver a satisfação das necessidades naturais de relacionamento, a criança recebe desprezo, menosprezo e indiferença, se, em vez de ser protegida, experimenta agressões físicas ou psíquicas, será atingida em seu núcleo existencial, o centro ainda não desenvolvido de sua personalidade. Irá sentir-se abalada na identidade de seu eu e considerar a si e seu potencial como sem valor. Não compreenderá o sentido de sua existência. A criança insatisfeita ou ferida em sua busca de relação, no decurso de seu desenvolvimento pessoal, irá continuar na busca pelo tu, onde se possa reconhecer. Para cicatrizar as feridas de seu coração – na falta de um autêntico encontro – quando adulta busca afirmar-se como indivíduo livre, e alienada, procura criar significado através de uma pseudo-autonomia, onde desesperada tenta provar que ela é livre. Ela não confia no tu. Vivencia-o como poder possessivo ou como corpo estranho que ameaça o si-mesmo, do qual busca se desfazer. Mas isso não funciona para sanar as feridas em seu coração. O adulto permanece sob o influxo de um feitiço infantil, com sua existência verdadeira amarrada e troncha. Então, a verdadeira personalidade humana trilha uma existência oculta subterrânea, de certo modo inválida¹⁵. Mas inconscientemente ele busca o espelho do outro, para – liberto do feitiço infantil – ser realmente reconhecido e confirmado no sentido de sua existência.

¹³ Martin Buber, op. cit., p. 32

¹⁴ Martin Buber. *Rede über das Erzieherische*. Berlim: Lambert Schneider, 1926, p. 37

¹⁵ Martin Buber, op. cit., p. 68s.

Há vezes em que o sofrimento sob esse feitiço infantil produz crises psíquicas, que precisam de auxílio terapêutico. Muitos veem as crises psíquicas como fracasso pessoal, envergonham-se e buscam conformar-se com seus problemas. Mas quando partimos do princípio dialógico de Buber, ninguém chega a uma crise psíquica sozinho. Ser e estar doente, mesmo psíquico, é sempre um problema inter-humano, que também só poderá ser resolvido interhumanamente, uma vez que o processo de tornar-se si-mesmo jamais se dá sozinho. Sem voltar-se ao seu *Tu*, não poderá haver nenhuma guinada do destino do homem¹⁶. Assim, na crise psíquica, mesmo numa doença grave, Buber vê a suprema oportunidade para a pessoa¹⁷. E, no encontro direto, a responsabilidade do terapeuta será reconhecer o potencial oculto subterrâneo da pessoa¹⁸.

Se partirmos do fato de que um *homem torna-se eu no tu*, como se deve construir um processo terapêutico? Em sua lenda do Baal Schem¹⁹, Buber conta a história de um homem que sofre, é acossado e sofre com autocontradições, com uma existência alienada, sente-se profundamente ferido em sua alma, buscando uma brecha para acessar à vida, e através do encontro reencontrar a via de acesso com uma definição verdadeira de sua existência pessoal.

Quando o grande mestre Baal jazia no leito de morte, manda chamar seu discípulo Rabbi Shimon e lhe diz como deverá conduzir sua vida de ora em diante. “Amigo”, diz o Baal Shimon, “está predefinido para ti perambular pelo mundo e contar histórias que ouvistes de mim”. O Rabi Shimon não conseguiu compreender sua tarefa. “Teu caminho terá um bom objetivo”, consolava-o o moribundo Baal.

¹⁶ Grete Schäder, op. cit., p. 141.

¹⁷ Martin Buber, op. cit., p. 184.

¹⁸ Também C.G. Jung vê o sentido profundo de uma enfermidade psíquica no fato de o ser humano viver na autoalienação e já não consegue encontrar o caminho para si mesmo. Assim, as intervenções terapêuticas devem ser em primeiro lugar na linha de encontrar o caminho para si mesmo. Cf. Josef Rattner. *Klassiker der Tiefenpsychologie*. Bechtermünz Verlag 1997, p. 78s. A esse processo de maturação Jung chama de individuação. Em sua troca de correspondências, 16, Buber observa que temos de nascer como indivíduos e tornarmos pessoas. Junge estaria se referindo à individuação do tornar-se pessoa. Mas Buber não pensa o tornar-se pessoa como Jung, como um problema do desenvolvimento psicológico, mas como Kierkegaard como problema existencial. Cf. Martin Buber em correspondência com Hans Trüb, Heppenheim 30.09.1935 in: *Briefwechsel aus sieben Jahrzehnten*. Editado por Grete Schäder, Heidelberg: Verlag Lambert Schneider GmbH, 1973, Band II: 1918-1938.

¹⁹ Martin Buber in: *Die Legende des Baalschem*. Manesse Verlag 2005, p. 151s.

O Rabi Shimon vestiu sua roupa de viagem e partiu de lugar em lugar. Certo dia ouviu de um judeu rico e famoso que estaria ansioso para ouvir as histórias que Shimon contava. Shimon atravessou o país até chegar à nobre casa do judeu rico e famoso. Quando Shimon se encontrou diante do judeu com totalmente desperto, abriu a boca para contar as histórias, acostumado que estava que de seu íntimo por si mesmas as palavras fluíam. Mas sua boca não consegue formar palavra. Em vez disso, saiu dele um frio gélido que paralisou as palavras em sua boca, paralisou-se e empalideceu. Como que distanciado de tudo, o Rabi Shimon percebia a espera no rosto das pessoas na casa do rico judeu. Shimon esperou a noite inteira pela inspiração da história que ele queria contar, mas seus sentidos estavam embotados. Um dia depois, o Rabi Shimon se partiu e o judeu rico se despediu com rosto triste e abatido.

Quando tudo estava preparado para a viagem, Rabi Shimon sentiu como se de repente um raio de luz atravessasse seu corpo. Quando pode recobrar sentido, a história se apresentou em sua alma com imagens preclaras. O Rabi virou-se e contou ao famoso judeu a história de um varão que, buscando importância e reconhecimento, se afastara de seu destino e com isso tornara-se estranho a si mesmo e aos seus próximos, tornara-se duro e frio, e sua alma estava aflita e sem paz.

Quando o Rabi Shimon acabou a história, o judeu se levantou, estendeu-lhe a mão e disse: “contaste-me minha história, esse varão sou eu. Mas em minha alma eu sabia: se vier alguém e me contar minha história, vou compreender isso como sinal de libertação das presilhas de meus atos. Agora que lembraste da história, sei que viestes para me ajudar”.

Como narra a lenda de Buber, quando se rompem as correntes do passado liberando nova vida, deveríamos sempre contar a nossos clientes sua história esquecida. Então, seria uma responsabilidade terapêutica *recordar* histórias esquecidas. Como se pode fazer isso de forma prática? Como eu poderia recordar-me da história do outro que está comigo?

É claro que, em sentido estrito, não posso lembrar-me da história individual de outra pessoa. Todavia, a história de vida inédita e tácita, atormentada e amarrada de meu cliente pode despertar algo em mim que provoca minha incumbência e exige resposta. Schimon experimentou em sua própria vida a frieza gélida, a rigidez e tormento que se abateram sobre a vida do judeu. Lutando em si com esses fenômenos,

Shimon encontrou as palavras libertadoras para o varão atormentado. Em mim, como terapeuta, deve dar-se algo que me toda diretamente e quiçá até fisicamente. Pois, sem tocar meus sentidos não poderei apreender a realidade em que está meu cliente. Mas através do toque físico poderá nascer em mim uma representação da *história esquecida*.

Tu te recordaste de minha história”, significa, tu me compreendeste. Reconheceste em meu lugar qual o problema me mantém preso no feitiço”. Aqui, Martin Buber usa o conceito poético do *abraço* amoroso²⁰. No hebraico, *abraçar* significa *conhecer* e significa que torno-me ciente, inteirando-me de meu próximo em toda sua realidade: na realidade de sua existência simples, de seu tornar-se histórico e de sua existência oculta, do potencial que busca realização. *Tornar-se ciente e inteirar-se* liga a vida própria com a do outro²¹, não que trocássemos de existência – isso é contraindicado no processo terapêutico, pois levaria à perda dependente da própria personalidade – mas na medida em que participo fisicamente da realidade de meu cliente, isto é, participo de seu ser.

Buber distingue a capacidade de compreender, de conhecer tomando ciência do outro na presença física, da observação e consideração. Não seria possível compreender qualquer pessoa em sua realidade se como terapeuta eu quisesse abster-me como pessoa, tomando a postura de observação de análise como aparato psíquico. Por isso Buber incentiva o psicoterapeuta que não compreenda a sua prática como consideração analítica de um aparato psíquico. Por isso, no sentido de Buber, a nós que queremos atuar como terapeutas, nos é exigido deixar de lado a usual profissão profissional como inadequada²², isto é, a função profissional metódica, depondo a superioridade e reconhecer que precisamos de conselho e ajuda como nosso cliente. Para poder atuar curativamente, devemos nos deixar abordar e tocar por ele, colocarnos à disposição como contraparte humana, como um eu frente a meu tu e adentra sem reservas no nós, no encontro-eu-tu. “Não deves ter reservas”, afirma Buber, isso é necessário para compreender a realidade completa de nosso cliente, sua realidade histórica, potencial e espiritual.

Thomas Weil, meu professor e de Stephan no então Instituto de Análise transacional e psicologia integral profunda em Kassel, cunha o conceito ambíguo

²⁰ Martin Buber. *Rede über das Erzieherische*, op. cit., p. 32s.

²¹ Grete Schäder, op. cit., p. 144s.

²² Martin Buber. *Nachlese. Heilung aus der Begegnung*. 1951. Zu Hans Trübs gleichnamigem Buch. Heidelberg: Verlag Lambert Schneider, 1966, p. 141.

da *história inédita*. Refere-se àquele drama de vida desastroso que no decorrer de nas experiências de nossa história de vida deixou traços em nossos corpos, almas e cérebros. São traços de recordações dolorosas, de experiência de relacionamento com lacunas de nossa infância. Formaram-se quando não se supriram as necessidades básicas de relacionamento para o desenvolvimento do potencial de nossa personalidade. Traços em cuja caminhada planejamos e configuramos sem intenção nossa vida futura, como num feitiço infantil lançado sobre nós, numa identidade alienada e sem determinação própria. A análise transacional fala aqui de script de vida inconsciente. No vocabulário psicanalítico falaríamos de *fixação* da pessoa, a ligação de reação presentes a constelações de relacionamento antigas. A pessoa então busca ser ouvida no encontro terapêutico sobre sua *história inédita*, junto com uma possível solução. Concretamente busca libertação num encontro curativo, transformador, pois só assim poderão abrir-se suas possibilidades.

Aquela parte inédita, não resolvida de sua história de vida, o feitiço infantil, que amarra o potencial humano, o que é suspenso no inconsciente e no oculto e espera ser evocado e liberto na recordação – como assinala Buber – é o que nos partilha o cliente mesmo tacitamente em sua postura corpórea, seus modelos de pensar e comportar-se. Freud fala de compulsão à repetição. Inconscientemente, as pessoas repetem sua *história inédita*. Excluídas da memória, vivências reprimidas e velhas experiências de relacionamento são transferidas à contraparte de modo dramático em relacionamentos atuais até que surja a reação libertadora esperada ansiosamente, uma reação diferente daquela da experiência primitiva. Só então libertam-se as correntes do passado.

Concretamente, isso significa que tomo ciência física e real das lágrimas que uma cliente está engolindo com dificuldade. Ela própria não percebe que o engoliu o choro. Ela acha ridículo chorar e eu tomo ciência da vergonha que a afastou da recordação. O medo de ser ridicularizada e envergonhar-se faz com que engula o choro. Eu percebo essa parte de sua história inédita. Pesa como um feitiço grave sobre ela, veda-lhe qualquer expressão do sentimento e que, como fica claro posteriormente, agrava sua relação com parceiros. Assim reconhecida, ou para falar com Buber, ser compreendida, poderá liberar o choro que a sufoca. Recordações dolorosas e reprimidas se transformam quando no encontro surge uma resposta real, participativa. No encontro comigo, na medida em que não mais precisa se envergonhar de seus sentimentos, isso pode libertar do feitiço restritivo. Liberta da vergonha poderá aprender a valorizar seu potencial sentimental encoberto – pois

sentiu-se valorizada no encontro – e encontrar modos de expressar criativamente sua busca de sentido. A libertação do feitiço infantil abre novas possibilidades sem precisar configurar a história de sua própria vida sob as antigas catástrofes.

Nossa responsabilidade no trabalho psicoterapêutico é com esse processo. Encontro terapêutico deve libertar das calamidades da história e um núcleo atrofiado da personalidade deverá então ser regenerado e curado. Por isso, o objetivo do processo terapêutico não reside em evocar à memória conteúdos inconscientes e reprimidos. Não se deve simplesmente evocar recordações doloridas da infância ou vivências traumáticas do inconsciente – isso só traria mais traumas. Psicoterapia deve antes ser atuar de forma criativa, e não só tirar o véu dos problemas. Em sua substância traumática enfeitiçante, velhas feridas e vivências doloridas devem experimentar transformação através de um processo de *relação curativa*²³. Cura significa o novo, que quer crescer e realizar-se, trazer à luz o encoberto e subterrâneo. Cura significa tornar visível uma realidade originária negligenciada, obscurecida²⁴. Cura significa levar à realização o sentido criativo de uma pessoa. Esse está na imagem e semelhança de Deus, na *imitatio dei*. Todo homem é portador de uma determinada tarefa ontológica e é chamado por Deus a realizar o que só ele pode realizar na relação com seu mundo de vida²⁵, e nesse sentido tornar-se “si-mesmo” (*ipse*). A incumbência do terapeuta é auxiliar no desenvolvimento e realização do si-mesmo²⁶.

Quando partimos de uma compreensão de encontro que tem uma atuação curativa, não deveríamos desprezar o encontro como algo fugidio e sem importância, mas tomar ciência responsável de sua riqueza, infinitude e força criativa. Pois em todo encontro autêntico acontece algo no humano. Tocados no núcleo de nosso ser pessoa, saímos de um encontro diferentes do que entramos²⁷. Se quisermos disponibilizar um espaço de relacionamento no trabalho em nosso instituto, essa questão deve ter importância político-social relevante. Deve estar em contraposição com o pensamento moderno finalista que domina nossa sociedade, que degrada o indivíduo como meio e objeto. Para Buber, transformar o homem em objeto e coisa num âmbito

²³ Martin Buber. *Nachlese*, op. cit., p. 178s.

²⁴ Grete Schäder op. cit., p. 117.

²⁵ O caminho da autorealização é descrito por Martin Buber in: *Der Weg des Menschen nach der chassidischen Lehre*. Heidelberg: Verlag Lambert Schneider, 7ª ed. 1977.

²⁶ Exatamente como o educador ou o mestre chassidim.

²⁷ Grete Schäder, op. cit., p. 120.

puramente técnico é o grande problema humano. Já em 1948 ele formulou esse diagnóstico social. Desde então tem-se acurado esse diagnóstico. Somos fonte de recursos humanos e consumidores que têm de acionar a manivela da maquinaria econômica. Somos beneficiários no mercado de ações ou um número de processo numa enfermaria. Nos é sugerido que nossa felicidade depende de status social e poder financeiro, e que somos responsáveis sozinhos por nosso destino. Quem não consegue acompanhar a massa, perde a conexão e é terceirizado.

É claro que não queremos acabar sob o ditado do utilitarismo. A consequência é que começamos a refletir e tomar posse cada vez mais sobre nós mesmos. Procuramos nos encontrar e realizar, ocupando-nos essencialmente com a relação com o si mesmo e “cuidar do que é nosso” para que possamos de algum modo sobreviver.

Buber considera que o real problema de nossa época moderna é que desconhecemos nossa existência dialógica²⁸, porque vamos nos afastando cada vez mais do sentido de nosso ser humano. Isso nos torna doentes, constata Buber²⁹, pois quanto mais o homem e a humanidade se afasta de sua existência dialógica, tanto mais o eu mergulha na irrealidade, na perdição da autocontradição. Querer definir a realidade individualmente é a falsa resposta à perdição. A cura só se estabelece pelo encontro, pois encontro, o ser e estar presente físico do eu e do tu, é a categoria originária da existência humana. O fato de que nosso si-mesmo se realize exclusivamente num encontro terapêutico foi a razão que pautou nosso trabalho e o nome de nosso instituto. Pois é só no encontro que nos tornamos pessoa, um ser humano com rosto e nome. Encontro verdadeiro é o fator que restaura pessoas autênticas para nossa sociedade moderna sem rosto e sem nome, criando comunidade autenticamente plena de sentido.

Muito obrigado por sua atenção.

²⁸ Martin Buber. *Das Problem des Menschen*. Heidelberg: Verlag Lambert Schneider, 1948, p. 158s.

²⁹ Martin Buber. *Das dialogische Prinzip. Ich und Du*. op. cit., p. 46